

INSTITUTO SUPERIOR DE  
ASSISTENTES E INTÉRPRETES

**ISAI**

---

# V JORNADAS DE TRADUÇÃO

**Tradução, Ensino, Comunicação**





## **V JORNADAS DE TRADUÇÃO**

ACTAS DAS V JORNADAS DO ISAI SUBORDINADAS AO TEMA “TRADUÇÃO, ENSINO, COMUNICAÇÃO”, REALIZADAS NA FUNDAÇÃO DR. ANTÓNIO CUPERTINO DE MIRANDA, NO DIA 8 DE MAIO DE 1998.

**ISAI**

INSTITUTO SUPERIOR DE ASSISTENTES E INTÉRPRETES



## ÍNDICE \*

PARTICIPANTES .....	V
NOTA DE ABERTURA .....	VII
ELEMENTS pour une APPROCHE TRADUCTOLOGIQUE de la DIDACTIQUE de la TRADUCTION Michel Ballard (Université d'Artois).....	03
THE OLD MAN OF BELÉM - sobre a mais recente tradução inglesa de <i>OS LUSÍADAS</i> João Almeida Flor (Universidade de Lisboa) .....	25
PROBLEMAS DE TRADUÇÃO. SISTEMATIZAÇÃO E EXEMPLOS Maria António Hörster (Universidade de Coimbra) .....	33
O TRADUTOR E AS LINGUAGENS ESPECÍFICAS NA COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL António Capataz Franco (Universidade do Porto e ISAI) .....	44
ALGUNS ASPECTOS DA TRADUÇÃO PARA TEATRO Maria João da Rocha Afonso (Universidade Nova de Lisboa) .....	56
TRADUÇÃO DE LEGENDAS - UMA ARTE Maria Auta de Barros (SIC) .....	65

\* Estas actas reúnem aquelas intervenções nas V Jornadas de Tradução que se configuraram como conferências ou comunicações formais. Apesar do muito interesse de que se revestiram, não nos foi possível (em boa medida pela natureza mais informal e dialogante que assumiram) reconstituir os contributos para a mesa-redonda sobre 'O ensino da tradução em Portugal' - a cujos participantes o ISAI reitera os mais vivos agradecimentos.

## PARTICIPANTES

Professor ***Michel Ballard***  
Université d'Artois

Prof. Doutor ***João Almeida Flor***  
Universidade de Lisboa

Prof.<sup>a</sup> Doutora ***Maria António Hörster***  
Universidade de Coimbra

Prof. Doutor ***António Capataz Franco***  
Universidade do Porto  
Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes

Dra. ***Margret Ammann***  
Universidade de Heidelberg

Dra. ***Maria João Rocha Afonso***  
Universidade Nova de Lisboa

Dra. ***Maria Auta de Barros***  
SIC

Dr. ***António Jorge Gonçalves Rodrigues***  
Instituto Superior de Línguas e Administração

## PROBLEMAS DE TRADUÇÃO. SISTEMATIZAÇÃO E EXEMPLOS

Maria António Ferreira Hörster  
Universidade de Coimbra

Antes de procurar enunciar e sistematizar quaisquer problemas de tradução, cabe-me definir a concepção de tradução de que parto. Na senda de Hans J. Vermeer<sup>1</sup>, que introduziu uma viragem copernicana nos estudos tradutológicos ao considerar como critério orientador determinante do trabalho do tradutor a função do translato, e de estudiosos seus seguidores como Hans Hömig e Paul Kußmaul<sup>2</sup> ou Christiane Nord<sup>3</sup>, que desenvolveram metodologias de abordagem do texto a traduzir e traçaram coordenadas muito práticas do trabalho tradutivo, eu assumo uma concepção pragmática e funcionalista da tradução, isto é, entendo que, na prática, se torna impossível traduzir sem tomar em conta a situação comunicativa em que o texto traduzido vai funcionar. Não se traduzem palavras, nem frases, nem sequer textos, mas textos inseridos em situações comunicativas bem determinadas. Enunciados sintáctica e morfologicamente tão simples como “I’m tired” são verdadeiramente impossíveis de traduzir. Só quando conheço a situação comunicativa concreta eu posso identificar o referente de “I” e só então eu sei qual o género gramatical a atribuir ao adjectivo em Português, para já não referir que só a identificação desse referente e do seu perfil sociocultural, do seu estado de espírito no momento em que produz esse enunciado, a imagem que esse referente forma do interlocutor a quem está a dirigir-se, a intenção do seu acto de fala, me orientam na opção - a que sou forçada - ao escolher entre alguns termos mais ou menos sinonímicos à minha disposição, como por ex. “cansado” ou “fatigado”, entre outros. De facto, só a perfeita noção da finalidade do meu translato me permite tomar, em consciência, as sucessivas decisões que toda a tradução, como acto eminentemente decisório, me está constantemente a exigir.

É importante iniciar a minha exposição por este esclarecimento, porque esta

---

<sup>1</sup> Cf., por ex., Katharina Reiß / Hans J. Vermeer, *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1984. Vermeer publicou também em Português uma súmula da sua teoria: *Esboço de uma teoria da tradução*, Porto, Edições Asa, 1986.

<sup>2</sup> Cf., por ex., Hans G. Hömig / Paul Kußmaul, *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 3., durchgesehene Aufl., 1991.

<sup>3</sup> Cf., por ex., Christiane Nord, *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*, Heidelberg, Julius Groos Verlag, 1988; id., *Aprender a traducir. Diversos aspectos de la didáctica de la traducción*. Seminario realizado el día 7 de diciembre de 1988 en el Instituto Universitario de Lenguas Modernas y Traducción de la Universidad Complutense de Madrid [Sonderdruck], 1988; id., “Übersetzungsanalyse und Übersetzungsauftrag”, in *Übersetzungswissenschaft und Fremdsprachenunterricht*, hrsg. v. Frank G. Königs, München, Goethe-Institut, 1989, p. 95-119; id., “Übersetzen - wozu und für wen? Pragmatische und kulturelle Aspekte des Übersetzens”, in *Nouveaux Cahiers d’Allemand*, 9-2, 1991, p. 77-92.

atitude teórica não só me abre as perspectivas para detecção de toda uma gama específica de problemas de tradução, dos quais, num outro quadro de abordagem, eu talvez nem me desse conta, como, por outro lado, ela me impede de tomar qualquer atitude prescritiva e apriorística de solução para esses mesmos problemas. Nesta medida, não é só a tipologia de problemas que vou apresentar que está estreitamente articulada com a concepção funcionalista da tradução. Esta moldura teórica impõe-me também prudência e não me deixa cair na tentação de julgar que determinado problema de tradução, por exemplo o problema “metáfora” ou o problema “provérbio”, tem obrigatoriamente de passar pela solução A ou B, nestes casos, a solução “metáfora” ou a solução “provérbio”, considerada em abstracto, como se a metodologia da tradução decorresse automática e exclusivamente da natureza do texto de partida. Um mesmo problema pode de facto, consoante a função do translato, conhecer soluções consideravelmente divergentes.

Efectivamente, e por muito que custe aos nossos alunos dos Cursos de Tradução, tantas vezes desejosos de normas seguras e experimentadas a que se possam agarrar, não há regras de bem traduzir, nem técnicas de tradução, como erroneamente pode levar a pensar a designação de uma disciplina de alguns *curricula* do ensino secundário. Cada caso é um caso e o modo como, enquanto docente, julgo melhor poder contribuir para a formação dos nossos futuros tradutores é ajudando-os a encontrarem a especificidade de cada tarefa tradutiva. Para tanto, torna-se necessário habituá-los a mentalizarem a situação comunicativa de partida, mas, sobretudo, a situação comunicativa de chegada<sup>4</sup>, que devem sempre ter muito presente nas suas diferentes coordenadas, antes de darem início ao trabalho. Ao receberem uma encomenda de tradução uma das suas primeiras preocupações deve ser, portanto, a de solicitar ao seu encomendante as informações necessárias que lhes permitam concretizar o papel comunicativo que o texto a produzir irá desempenhar.

Baseando-me em Christiane Nord, que propõe uma análise textual especificamente orientada para a tradução, procuro que os meus alunos se habituem a percorrer, antes de darem início à tradução, duas séries completas de factores, que Nord designa como “textexterne” e “textinterne Faktoren”. Primeiro (e a sequência é em princípio arbitrária), devem concentrar-se numa série de factores externos ao texto de partida - e é apenas nesta série que, por falta de tempo, irei fixar-me - , que concorrem entre si para conformar a pragmática da respectiva situação comunicativa, nomeadamente:

1 - Quem emite um texto?

2 - A quem o dirige?

---

<sup>4</sup> Em direcção análoga, e vincando bem a prioridade da relação que o translato estabelece com a situação de comunicação em que passa a funcionar, Gideon Toury, por exemplo, chega a afirmar que o texto traduzido é facto de um só sistema, precisamente o sistema de chegada. Cf. G. T., “A Rationale for Descriptive Translation Studies”, in: Theo Hermans (ed.), *The Manipulation of Literature*, London & Sydney, 1985, p. 16-41.

- 3 - Onde?
- 4 - Quando?
- 5 - Através de que canal?
- 6 - Qual o ensejo que o levou a produzir o seu texto?
- 7 - Qual a intenção que o guiou?

E, finalmente, decorrendo da confluência de todas estas questões:

- 8 - Com que função o emissor emite determinado texto?

Trata-se, evidentemente, de um alargamento da célebre fórmula do politólogo e especialista em comunicação H. D. Lasswell, alargada e adaptada às necessidades do tradutor. Este mesmo questionário deve ser colocado, agora de forma prospectiva, ao meu futuro translato, antes do início do acto da tradução, mas estando eu já de posse de uma série de informações que me foram fornecidas, ou eu solicitei expressamente, ao meu encomendante. E é do confronto das duas situações comunicativas sob o aspecto dos factores externos ao texto que decorre toda uma lista de problemas, para os quais, numa abordagem ingénua da tradução, começamos por não estar atentos, mas que podem ser, com relativa facilidade, detectados e treinados em sala de aula. Digo “com relativa facilidade”, porque, pela minha experiência, os aprendentes de tradução geralmente só começam a automatizar estas questões ao fim de um ano lectivo<sup>5</sup>. Estamos, pois, perante uma categoria de problemas de tradução que resultam das diferenças entre as duas situações comunicativas, a de partida e a de chegada, e que, com Christiane Nord, podemos designar por problemas de tradução de ordem pragmática.

Antes de prosseguirmos na sistematização dos problemas tradutivos, impõe-se uma breve distinção. Esta tradutora e didacta da tradução faz a distinção entre dificuldades e problemas de tradução, considerando as primeiras de ordem subjectiva e estritamente relacionadas com o grau de conhecimentos e a competência de cada tradutor, e os segundos, de natureza objectiva e generalizável. Muitos dos problemas de tradução de ordem pragmática para que tenho vindo a chamar a atenção, uma vez detectados, nem são difíceis de solucionar, mas, curiosamente, chegam a constituir verdadeiras ratoeiras mesmo para excelentes tradutores. E começo por dar um exemplo extraído de um conto de Rainer Maria Rilke, intitulado “Der Apostel” [O apóstolo] e publicado numa revista literária em 1896, no qual o jovem Rilke se debate com a para si inquietante figura de Nietzsche. Ao introduzir a figura central do apóstolo, o narrador descreve uma estranha figura masculina, que faz a sua aparição no átrio de um hotel da moda, atraindo a curiosidade dos hóspedes que aí se encontravam:

---

<sup>5</sup> Refiro-me não a um automatismo chato e rotineiro, conducente a soluções estereotipadas e cinzentas, mas a um automatismo salutar e necessário, capaz de aliviar o tradutor e deixar-lhe mais tempo de reflexão para as questões não generalizáveis.

Die Herren ließen ihr Auge flüchtig über diese Erscheinung weggleiten, denn der bleiche, ernste Mann, der dort unten saß, trug nicht modische Kleidung. Ein hoher, schneeweißer Kragen schmiegte sich bis an sein Kinn hinauf, und die breite, schwarze Binde, die man im ersten Drittel unseres Jahrhunderts trug, umschloß den Hals.<sup>6</sup>

O tradutor francês de Rilke Maurice Betz inclui essa narrativa numa coletânea de contos de Rilke publicada em 1939, dando a seguinte versão do mesmo passo:

Les hommes l’effleurèrent d’un regard rapide, car les vêtements de l’homme pâle et grave qui occupait cette place, n’étaient pas à la dernière mode. Un haut col blanc montait jusqu’à son menton, et la large cravate noire que l’on portait au début de ce siècle, enserrait son cou.<sup>7</sup>

Por sua vez, o tradutor português José Marinho, partindo do texto francês, verte, em 1946, o mesmo passo da seguinte forma:

Os homens deitaram-lhe um olhar rápido, porque o traje desse homem pálido e grave não era da última moda. Subia-lhe até ao queixo um alto colarinho branco e apertava-lhe o pescoço a grande gravata preta que se usava no começo do século.<sup>8</sup>

Se eu solicitar aos meus alunos uma apreciação destas traduções no início do ano lectivo, eles, em regra, debruçam-se sobre problemas de ordem lexical, poderão comentar aspectos denotativos e conotativos, nomeadamente o esbatimento da simbologia da cor e da dimensão valorativa que lhe anda associada (“schneeweiß” [à letra: branco de neve] é mais intenso, e encerra valores mais positivos, do que apenas “branco”), eventualmente referirão a eliminação ou indiferenciação de informação (“au début” é mais vago do que “no primeiro terço”) ou até aspectos rítmicos, mas creio que nunca nenhum detectou, à primeira vista, um problema que ao grande tradutor rilciano Maurice Betz também parece ter escapado. Para nós, e para Betz, Rilke tem uma imagem de poeta tão moderno que nem nos passa pela cabeça que “unseres Jahrhunderts”, à letra “do nosso século”, é, se atentarmos na data de publicação do texto, não o séc. XX, mas o séc. XIX. Isto é, apesar de perfeitamente informado sobre a data do conto, Betz, no momento da tradução, parece ter como que obliterado a questão do factor textual externo data (quando?)<sup>9</sup>, e deixou-se por isso arrastar a uma tradução denotativamente

---

<sup>6</sup> R. Maria Rilke, *Sämtliche Werke IV*, hrsg. vom Rilke-Archiv in Verbindung mit Ruth-Sieber Rilke. Besorgt durch Ernst Zinn, Frankfurt a. M., Insel-Verlag, 1961, p. 452.

<sup>7</sup> *Id.*, *Contes de Bohême*. Traduction de Maurice Betz, Paris, Émile-Paul, nouvelle édition, 1952 (1939), p. 180.

<sup>8</sup> *Id.*, *O apóstolo e outros contos*. Tradução de José Marinho, Lisboa, Editorial Inquérito, 1946, p. 12.

<sup>9</sup> No prefácio à edição de 1951, Betz diz expressamente que “Der Apostel” foi escrito ainda antes da partida de Rilke para Munique. Justamente por isso este caso parece ilustrar de forma muito clara aquela “autoridade” que se desprende do texto de partida e que, tomada em abstracto, se sobrepõe a outros pontos de referência que os tradutores nem desconhecem e que os teriam conduzido a soluções mais acertadas

errada de “Binde” - uma espécie de laço que se usava na época do “Biedermeier”, nos anos 30 do séc. XIX -, falhando, com isso, um aspecto da caracterização, os semas “antiquado” e “destoante”, da personagem estranha e ambígua na qual Rilke prefigurou Nietzsche. Betz parece ter inconscientemente sentido algum desconforto com esta tradução e, para tornar a inverdade histórica que constituía afirmar o uso generalizado da “gravata” preta nas três primeiras décadas do séc. XX, perfeitamente evidente para Betz e para os leitores de 1939, transformou “im ersten Drittel unseres Jahrhunderts” [“nas três primeiras décadas do nosso século”] por “au début de ce siècle” [no início do nosso século]. O tradutor português, que tomou por base o texto de Betz, incorre, por arrastamento, nas mesmas inconseqüências.

Que conclusão devemos tirar com os nossos alunos? A de que é necessária uma consciência redobrada no que respeita aos deícticos temporais. Expressões como “today”, “yesterday”, “last week”, “avant hier”, “demain”, “la prochaine semaine”, “letztes Jahr”, “in diesem Jahrhundert”, etc., precisam de um tratamento especial, que pode passar quer pela concretização (em vez de dizer “ontem” posso, consoante a data e a função do translato, procurar o referente desse “ontem” e traduzir por “no dia X”), ou pode passar pela actualização (“há dois meses” pode, consoante a data e função do translato, passar por exemplo para “há dois anos”). O problema “deíctico temporal” pode também ser resolvido extratextualmente, através de uma nota introdutória, por ex. do tipo “na sua edição do dia X o jornal Y publica a seguinte notícia”, ou através de uma explicação, prefácio, posfácio, nota de rodapé ou outro qualquer tipo de paratexto. É uma solução que pode oferecer vantagens no caso da tradução de textos literários, como o caso acima comentado, ou de textos com valor institucional, como por exemplo discursos de Estado, porque evita ingerências desnecessárias do tradutor no texto.

Caso análogo ao dos deícticos temporais se passa com o factor textual externo local (onde?). Se, num discurso político proferido em Inglaterra, nos aparece a expressão “in this country” e a tradução do discurso vai funcionar num país diferente, como deve o tradutor proceder? O receptor português ou brasileiro que se encontra em Portugal ou no Brasil e lê “neste país” identifica-o com o seu próprio país e não com Inglaterra, a não ser que tenha sido alertado por uma informação paratextual. Ou como deve o tradutor proceder em face de outros deícticos locativos como “aqui”, “aí”, “neste lugar”, etc.? As vias de solução são as mesmas que para os deícticos temporais: consoante a função do translato, informação paratextual ou intervenção no texto.

Igual cuidado me exige o valor deíctico de pronomes e formas verbais, como por exemplo “no nosso país”, “eu”, “vós”, “estamos”, etc. Todos estes casos nos exigem atenção para o sentido diferente que podem assumir na nova situação comunicativa, obrigando-nos a intervir. Como mero aparte, posso dizer que, de um modo geral, se nota da parte de quem começa a traduzir uma grande relutância em modificar, pelo menos consciente e deliberadamente, o original, podendo uma muito comum e falsa noção de “fidelidade” levar a que se cometam erros graves neste contexto. Penso - e espero não ser mal entendida ao afirmá-lo - que, com as devidas cautelas, devemos

habituar os nossos alunos a uma atitude de independência perante o texto a traduzir, chamando-lhes a atenção para a seguinte equação: “übersetzen = üb-ersetzen”- [traduzir = pratica a substituição]. Não se trata evidentemente de um convite ao desrespeito do original, mas de mostrar como em muitos casos o verdadeiro respeito pelo original implica intervenção e ingerência, porque só assim o tradutor pode estabelecer uma comunicação sem ruídos entre o emissor e o novo receptor.

Regressando à nossa enumeração dos factores externos ao texto, podemos dizer que também o factor externo canal merece a nossa melhor atenção: um mesmo autor escreve um comentário jornalístico, formula um título, redige uma notícia de forma diferente se o seu texto se destinar a publicação no *Diário de Notícias* ou no *Independente*, na revista do *Expresso*, na revista *Maria* ou na *Máxima*. Evidentemente que o tradutor tem de regular o seu trabalho por esses mesmos parâmetros, sob pena de não lhe ser aceite a tradução ou de falhar a comunicação com um público com determinado horizonte de expectativas e hábitos de leitura. Também o texto de uma conferência, por exemplo, se traduz diferentemente conforme seja para publicar numa revista, logo, por escrito, ou para ser pronunciado num congresso da especialidade. No caso de o meu translato se destinar a uma situação comunicativa de oralidade, tenho eventualmente de fazer frases mais curtas, escolher vocábulos mais curtos e de articulação mais fácil, usar termos mais conhecidos e concretos, admitir um grau muito maior de redundância, fazer formas de retomada muito mais explícitas. Logo, também o canal condiciona a forma de traduzir. Mas o canal, visto agora de um ângulo não prospectivo, mas retrospectivo, pode influir decisivamente sobre a minha tradução, mesmo em aspectos de natureza semântica. Vejamos um pequeno texto, extraído do jornal suíço de língua alemã *Neue Zürcher Zeitung* (6ª feira, 23 de Janeiro de 1998, rubrica “Vermischte Meldungen”), em que se fala de vários montantes de dinheiro quantificados na moeda “Franken” [francos]. Imaginemos, num exercício puramente teórico, que me era encomendada a tradução deste pequeno texto, a fim de ser publicada num jornal diário português de perfil equiparável ao da *Neue Zürcher Zeitung*, com um público de um nível cultural semelhante, no mesmo dia, numa rubrica homóloga. Aqueles que ingenuamente partem da noção de que traduzir é um exercício de transposição linguística não sentem provavelmente qualquer dificuldade na tradução de “Franken” e também não detectam aqui qualquer problema, razão por que facilmente incorrerão na tradução, errada, de “francos”. Se começássemos por consciencializar o factor externo “canal de transmissão”, imediatamente se nos tornaria claro que o que aqui está em questão são os francos suíços e não os franceses ou os belgas. Este seria um primeiro ponto. Mas poderíamos ainda interrogar-nos: que sentido tem eu manter a indicação do valor em moeda suíça? Não seria melhor eu fazer a conversão para a moeda portuguesa? Ou até para dólares? A resposta só poderia ser dada, sabendo eu qual a função do meu translato, conhecendo, por exemplo, o grau de informação do meu novo receptor, questão que pode passar também pela identificação do canal.

O factor canal pode também repercutir-se na formulação de títulos e a isso deverá

atender o tradutor. Um caso interessante no domínio da literatura, oferece-nos a celeberrima canção de J. W. Goethe que abre com os versos “Über allen Gipfeln/ Ist Ruh” e que o seu autor intitulou “Ein Gleiches” [traduzindo à letra: “Uma outra” ou “Outra”]. Este título só faz sentido porque no canal de publicação, os *Werke*, de 1815, esta canção se seguia imediatamente a uma outra com o título “Wandrer's Nachtlied” [“Canção nocturna do viandante”]. Portanto, Goethe evitou a repetição e identificou o segundo texto apenas como “uma outra” (outra canção nocturna do viandante). A tradução à letra do título da segunda canção só se justifica num contexto que respeite esta sequência ou, então, exige uma nota explicativa.

Claro que a importância de cada um destes factores externos para o trabalho de tradução varia muito consoante o género textual e a situação comunicativa. Assim, por exemplo, para a tradução de uma notícia jornalística, de uma certidão, de umas instruções de uso é praticamente irrelevante o factor externo emissor, mas já no caso do texto literário o emissor se reveste da maior importância. Outras obras que o autor tenha escrito, declarações suas, o conhecimento da sua biografia e ideologia (saber por exemplo que foi judeu, que por motivos políticos esteve exilado, que militou em determinado partido político) podem ser importantes para me esclarecer e condicionar nas minhas opções.

A questão do emissor coloca-se também no caso do problema “citação”. Quando traduzo uma citação, isto é, as palavras textuais de alguém assinaladas por aspas, tenho de procurar respeitar aspectos estilísticos decorrentes do sexo, idade, condição social, registo de linguagem do autor das palavras. Estes aspectos parecem mais ou menos evidentes, embora muitas vezes se torne necessário chamar a atenção dos jovens tradutores para eles. Mas, com vista à solução do problema “citação”, torna-se ainda necessário saber em que língua foi formulado o texto citado. Por ex.: imaginemos uma notícia, redigida em alemão, em que se cita, entre aspas, uma declaração de um político árabe. Essas palavras terão sido, provavelmente, proferidas em árabe ou, eventualmente, em inglês. Se estou a traduzir do alemão para o português, posso procurar uma formulação portuguesa que reproduza o sentido e o estilo, mantendo as aspas. Mas imaginemos que o político era português, falara em português, e o jornal alemão traduzira as suas palavras para alemão. O que faço? Só posso manter as aspas se estiver em condições de reproduzir as palavras textuais portuguesas, o que pode constituir uma tarefa complicada. Sucedeu-me traduzir uma tese de um romanista alemão, que incluía frequentes versões alemãs de versos e testemunhos de autores portugueses da segunda metade do séc. XIX, por vezes colhidos em textos dispersos em jornais e revistas da época. Foi muito morosa a pesquisa, mas a tradução das citações obrigou-me à identificação dos textos originais. Também num caso não exactamente idêntico, mas semelhante, é aconselhável proceder com as mesmas cautelas. Falo da paráfrase. Imaginemos que um escritor alemão evoca perante leitores alemães o percurso biográfico de Miguel Torga, recorrendo para tal ao texto autobiográfico *A criação do mundo*, que não cita textualmente, mas reproduz em tradução parafrástica. Quando esse escritor diz que o sonho de Torga era ser “Seemann”

ou que, durante a estada no Brasil, muito jovem ainda, fazia transportes de dinheiro armado de um “Revolver”, como devo traduzir estes termos? Devo optar por “marinheiro”, “marujo”, “homem do mar”, “embarcação”? Por “revólver”, por “pistola”? Só a consulta dos volumes de *A criação do mundo* me pode dar uma resposta que me sossegue.<sup>10</sup>

Vejam os ainda, muito brevemente, o factor externo receptor: se traduzo, por exemplo a Bíblia, para quem traduzo? Para especialistas? Para crianças? Para uma comunidade rural do Mediterrâneo? Para os esquimós? Destas respostas depende o estilo que vou adoptar, e não só o estilo: Eugene A. Nida, da *American Bible Society*, defendia por exemplo que, num quadro de equivalência dinâmica, dada a intenção apologética do texto bíblico, era perfeitamente admissível traduzir “cordeiro”, designativo do animal simbólico de um povo de pastores como o judaico, por “foca”, caso a minha tradução se destinasse a missionar uma comunidade esquimó.

Relacionado com o factor externo “receptor” e com o grau de conhecimentos e capacidade de descodificação que lhe atribuo encontra-se também o problema das pressuposições. São muitas as estratégias que o tradutor pode seguir para compensar ou superar por exemplo a diferença de informação entre o receptor de partida e o receptor de chegada. Estão neste rol as conhecidas notas de rodapé e toda uma vasta gama de paratextos, como os prefácios, os glossários, notas e comentários, etc. Mas o tradutor também pode optar por uma forma discreta de fornecer a informação necessária, através de um processo intratextual que se designa em alemão por “innere Erläuterung” [explicação interna]. Exemplifiquemos: em *Die Weise von Liebe und Tod des Cornets Christoph Rilke*, do escritor alemão Rainer Maria Rilke, narra-se em termos líricos a cavalgada de uma companhia militar. Evocando o momento em que a companhia acampa ao fim da tarde, diz-se: “Die Kompagnie liegt jenseits der Raab”, à letra: “a companhia está para lá da Raab”. Ora, “die Raab” é um rio, mas mesmo aqueles alemães cujos conhecimentos de geografia não são muito fortes, são encaminhados a fazer essa leitura em função do género gramatical de Raab, uma vez que, na generalidade, os rios, em Alemão, são do género feminino. Paulo Quintela, com um leve subterfúgio, resolve o problema, propondo: “A companhia está acampada na outra margem do Raab.” [s. m.].<sup>11</sup> Do receptor dependem também as estratégias adoptadas para muitos outros problemas, como a “ironia” ou o “humor”.

Até agora movemo-nos num único nível de problemas de tradução, o nível dos problemas de ordem pragmática, isto é, aqueles que decorrem da diferença das situações comunicativas de partida e de chegada. Diria que são aqueles cuja abordagem se torna mais gratificante em sala de aula, por serem talvez mais radicais os progressos que

---

<sup>10</sup> Cf. Gerhard Köpf, “In extremer Schräglage. Ein Nachmittag mit Miguel Torga”, in *Süddeutsche Zeitung*, 1./2. April 1989, SZ am Wochenende, p. II.

<sup>11</sup> R. Maria Rilke, *Sämtliche Werke I*, p. 240; *id.*, *Balada do amor e da morte do alferes Cristóvão Rilke*. Tradução de Paulo Quintela, Coimbra, Publicação do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1943, p. 17.

neste domínio é possível alcançar. Mas, como expõe Christiane Nord, os problemas de tradução podem situar-se a quatro níveis diferentes<sup>12</sup>:

1 - problemas de tradução específicos do par de línguas envolvidas - que decorrem do confronto entre os recursos da língua de partida e da língua de chegada

2 - problemas de tradução específicos do texto de partida - típicos de um determinado texto de partida (TP) ou do género textual a que o TP pertence (por ex., recursos estilísticos e expressivos individuais ou modos de configurar o conteúdo que não sejam generalizáveis)

3 - problemas de tradução específicos do par de culturas envolvidas - que resultam do contraste entre as normas e convenções da cultura de chegada e da cultura de partida

4 - problemas de tradução de ordem pragmática - que resultam do contraste entre os factores externos do TP e do texto de chegada (TCH)

Centrei-me no último nível de problemas (refira-se que a ordenação não implica qualquer tipo de hierarquia). Voltando-nos agora para os problemas de tradução específicos do par de línguas envolvidas, creio não errar muito se disser que, para o vulgo, eles resumem o trabalho do tradutor. A identificação da competência tradutiva com a competência linguística é um erro muito comum, que se reflecte por exemplo na facilidade com que se encomendam traduções a pessoas que estiveram no estrangeiro e se presume saberem a língua de determinado país. Não obstante ser necessário criar nos alunos a noção de que saber línguas e, mesmo, estar dentro de culturas, não é o mesmo que saber traduzir, creio serem os problemas deste nível um dos aspectos a desenvolver numa cadeira de 1º ano de um curso de Tradução, expressamente acompanhada da especificação “Linguagem Comum”, como é aquela que ministro. Torna-se necessário apresentar de forma sistemática as (in)correspondências entre os sistemas das duas línguas, chamando a atenção - e considero este aspecto da máxima relevância - para os recursos específicos de cada uma. A colagem às estruturas e recursos da língua de partida gera um produto verbal caracterizado pela ausência de todos aqueles recursos próprios da língua de chegada, uma espécie de jargão translatório a que poderíamos chamar “tradutorês”. Nesse sentido, alguns problemas a debater com especial ênfase na passagem do Alemão para o Português são as diferenças entre os sistemas verbais; a existência, no Português, das perífrases verbais, riquíssimas de expressividade; a gama de significações proporcionada pelo uso dos diminutivos (por exemplo, posso traduzir o duplo adjectivo no Alemão pelo grupo “forma diminutiva do substantivo + atributo”: “eine kleine, ärgerliche Frau” por “uma mulherzinha irritante”) e aumentativos (“er

---

<sup>12</sup> Cf. Chr. Nord, “Übersetzungsanalyse und Übersetzungsauftrag”, *loc. cit.*, p. 112-113

war ein großer, kräftiger Junge” - “era um rapagão cheio de força”); as potencialidades do gerúndio e do infinitivo pessoal, do lado da nossa língua; os verbos prefixados, os verbos modais, os neutros, os compostos, a indicação de movimento ou de situação dada pelo uso da preposição respectivamente com acusativo ou dativo, os atributos alongados, as partículas modais, do lado do Alemão, exercitando também por ex. os recursos de formação lexical nas duas línguas.

Quanto aos problemas de tradução específicos do par de culturas envolvidas, eles têm a ver essencialmente com convenções vigentes nas duas culturas e línguas, como sejam retóricas textuais específicas ou princípios e regras estilísticos, que podem ser muito distintos num e outro contextos. As convenções da notícia não são as mesmas no contexto português e alemão, não se redige da mesma forma um *curriculum vitae* em Portugal e na Alemanha, a literatura medicamentosa não tem o mesmo grau de informação na Alemanha e na Inglaterra, a redacção do ensaio científico obedece a regras diferentes em várias culturas, etc. Este pode tornar-se um campo muito interessante de investigação, que nos caberia desenvolver.

Ainda que, pela sua especificidade, os problemas do grupo 2 sejam, de um modo geral, menos “rentáveis” do ponto de vista do ensino-aprendizagem, eles prestam-se a fornecer bons exercícios de ginástica mental e verbal. Podem evidenciar com muita clareza pontos de tensão entre culturas e línguas e, nessa medida, tornam muito palpável ao aluno a noção de limite. A dimensão utópica da tradução no sentido gassetiano revela-se aqui na sua mais ampla dimensão. Pela minha parte, considero aconselhável um uso muito moderado de textos ricos em problemas deste tipo, por exemplo textos literários e textos publicitários.

A terminar, uma breve observação: o facto de termos distinguido quatro ordens de problemas de tradução não quer dizer que essas ordens sejam mutuamente exclusivas, quer dizer, um mesmo problema pode colocar-se a mais do que um dos diferentes níveis. Exemplificando: o problema de tradução “nome próprio” pode, por ex. num texto literário, ocorrer ao nível dos problemas específicos do texto de partida. Imaginemos o nome da personagem central de um dos contos dos *Bichos* de Miguel Torga. O nome do galo, Tenório, é aqui um nome falante, apresentando como conotações específicas “cantor lírico” e “galã conquistador”, conotações que um tradutor deverá salvaguardar. Mas o problema de tradução “nome próprio” também pode situar-se ao nível do par de línguas, nomeadamente no que concerne às regras de transcrição de fonemas não existentes na língua de chegada. Todos nós estamos recordados das variações de pronúncia e de grafia de “Gorbachev” ou “Gorbachov”, que encontramos nos nossos jornais há poucos anos. Se, no entanto, num texto se joga com as associações de um determinado nome, por exemplo “Eusébio”, com o seu valor sinalizador do ponto de vista social, por exemplo “Rute Marlene”, o problema coloca-se para o tradutor ao nível das pressuposições textuais, logo, ao nível dos problemas de ordem pragmática. Mas o nome próprio tem ainda implicações ao nível do par de culturas. Na cultura portuguesa, por exemplo, o nome próprio tem um valor identificador do indivíduo muito mais forte do que na

cultura alemã, e a essa norma cultural devo eu atender enquanto tradutor. É uma evidência, mas as evidências às vezes demoram algum tempo a ser consciencializadas. Ainda hoje não me perdoo o tempo que perdi e a insatisfação que sentia quando, nas primeiras versões da minha tradução da já referida tese alemã, eu identificava o escritor português que o professor alemão apresentava por “Quental” como “Quental”, sem ter tido de imediato a coragem, ou o discernimento, de “traduzir” “Quental” por “Antero”, pois que é assim que o escritor é identificado no nosso país: pelo seu nome próprio, não havendo nisso qualquer desrespeito. Mantendo-nos ainda sob a perspectiva do par de culturas, devemos ter a noção de que, entre nós, parece vigorar a norma tácita de que alguém que se preze tem (actualmente?), no discurso oficial, de ser identificado pelo menos por dois nomes, combináveis aliás de formas diversas - e segundo regras muito curiosas. Uma pessoa respeitável, na vida pública, não se chama Aníbal, chama-se Cavaco Silva, ou Maria Barroso, ou Amália Rodrigues, ou Rodrigues dos Santos, ou Catarina Furtado. Só alguns jornalistas, eventualmente com tirocínios em países de língua francesa ou anglo-saxónicos, falam em “Presidente Soares” ou “Presidente Sampaio”, ferindo, julgo eu, com isso a convenção portuguesa. Refira-se, porém, que não há normas absolutas: a identificação por um só nome pode sinalizar familiaridade, ou menor prestígio social, mas também a consagração: Amália, Camilo, Eça, Camões, Antero, Sophia. Normas em parte diferentes, em parte sobrepostas vigoram na identificação de jogadores de futebol: Néné, Peixe, Oceano, Futre, mas Sá Pinto, Vítor Baía; ou de algumas actuais estrelas do espectáculo: Ágata, Rodrigo, Hermínia, mas Dulce Pontes, Vicente da Câmara, Maria Teresa de Noronha, etc.

A finalizar, e em jeito de conclusão, diria que, na formação de tradutores, temos de atender a todos estes aspectos: temos de alertar os nossos alunos para as diferenças das línguas e dos recursos próprios de cada uma, sugerindo formas de alcançar equivalências dinâmicas possíveis, por exemplo através da valorização de recursos específicos da língua de chegada. Temos que os familiarizar com a estrutura e as convenções lexicais e estilísticas de determinados géneros textuais (notícia, relatório, certidão, contrato, *curriculum vitae*, actas, receita de cozinha, ensaio académico, etc.), promovendo nomeadamente pequenos estudos de ordem contrastiva. Temos ainda que lhes sugerir algumas formas de resolver problemas específicos de determinados textos e temos de os alertar para os problemas de ordem pragmática, criando neles uma certa desenvoltura na resolução de todas estas questões. Um esforço considerável, mas que vale a pena.